

# QUANDO AS FORMAS GANHAM VIDA

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



Michael Blazy, *Buquê Final*, 2012



Teresa Solar Abboud, *Tunnel Boring Machine (Máquina de Perfuração de Túnel)*, 2021

Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

A exposição *When Forms Come Alive – Sixty Years of Restless Sculpture* (Quando as Formas Ganham Vida), na Hayward Gallery em Londres, escapa da convenção tradicional de esculturas em bronze ou mármore esculpido. Abrangendo a inquietude da escultura ao longo de seis décadas, as obras de várias gerações de artistas exploram o movimento, a fluidez, o orgânico, o experimental e o instável, utilizando uma variedade de materiais.

A começar por *Shylight (Luz Tímida)*, uma escultura cinética, criada pela dupla Drift, Lonneke Gordijn e Ralph Nauta, imitando flores cujas pétalas se abrem e se fecham em resposta à luz. O trabalho, com engenharia de precisão, cria uma coreografia delicada e poética e deixa as pessoas hipnotizadas, estabelecendo uma atmosfera mágica e divertida, que permanece durante toda a visita.

Não há um itinerário a ser seguido, todos têm liberdade para explorar as obras criando sua própria rota.

Espuma branca cintilante desce pela parede na obra efêmera do artista Michel Blazy (*Buquê Final*, 2012), evocando aglomerados de nuvens que tremem com um sopro suave. É uma parede de espuma de banho em vários níveis, sustentada por andaimes, que cresce, sofre mutações e, eventualmente, se desintegra quase imperceptivelmente. Os movimentos são sutis e praticamente invisíveis, semelhantes ao efeito da câmera lenta no cinema, onde as ações dão a sensação de que o tempo está passando mais devagar.

Teresa Solar Abboud cria obras híbridas entre biologia, geologia e engenharia. Em *Tunnel Boring Machine*, (*Máquina de Perfuração de Túnel*, 2021), formas poli-

das de lâminas de hélice ou apêndices aerodinâmicos pintadas em cores brilhantes emergem da argila, que funciona como base ou ponto de equilíbrio para a obra. Para a artista, a argila evoca a antiga matéria-prima da lama, o subterrâneo, as montanhas, a paisagem, aquilo que está debaixo de nós o tempo todo, mas nunca podemos ver.

Tara Donovan – artista conhecida por empregar um método de acumulação trabalhoso para explorar os efeitos perceptivos e atmosféricos que resultam de uma vasta multiplicação de unidades individuais – ocupa o espaço com *Untitled (Mylar)*, 2011, aglomeração de pompons de discos de Mylar que se multiplicam para preencher uma galeria inteira. Penso num vírus ameaçador invadindo o local.



Escultura de Matthew Ronay

As esculturas de madeira texturizadas e pintadas de Matthew Ronay apresentam formas familiares e fantásticas com referências biológicas e botânicas, como fungos, insetos, plantas, corais, gânglios e diatomáceas microscópicas de algas. Ronay acredita que aquilo que pensamos ter inventado foi pensado antes pela natureza.

*Quartered Meteor* (1969), de Lynda Benglis ocupa um canto de um espaço da galeria. É uma escultura de chumbo, moldada originalmente em poliuretano colorido como resposta à arte predominante masculina em Nova York nos anos 1960, período em que o uso de

Tara Donovan,  
*Untitled (Mylar)*, 2011

formas que sucumbissem à gravidade eram tabu e, portanto, um ato político para Benglis. A natureza estática e pesada do chumbo está em desacordo com a forma amorfa da espuma, lembrando a aparência de lava resfriada. Benglis é importante artista da arte pós-minimalista americana das décadas de 1960 e 1970.



Lynda Benglis, *Quartered Meteor*, 1969  
Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

Pequenas esculturas de vidro de Jean-Luc Moulène, ocupam toda a área de uma outra sala, num intrincado jogo de formas irregulares com humor surrealista. *Méduse (Água viva, 2018)*, traz à mente uma sugestão

de mudança dinâmica e deformação, com tentáculos flutuando livremente atrás de seu corpo aberto em forma de sino.



Jean-Luc Moulène, *Méduse (Água viva)*, 2018

Um humor crítico às esculturas públicas importantes também está contido na obra de Phyllida Barlow, *Untitled: modern sculpture (Sem título: escultura moderna, 2022)*. As formas desajeitadas e o desequilíbrio visual da obra são uma resposta consciente aos bronzes espalhados pelos parques e rua das cidades.

A escultura *Epiphany on Chairs, (Epifania em Cadeiras, 2011)*, do artista Frans West, convida os espectadores a contemplarem seu significado em êxtase reverencial, zombando da ideia de se ter uma espécie de epifania



Phyllida Barlow, *Untitled: modern sculpture*  
(*Sem título: escultura moderna*), 2022

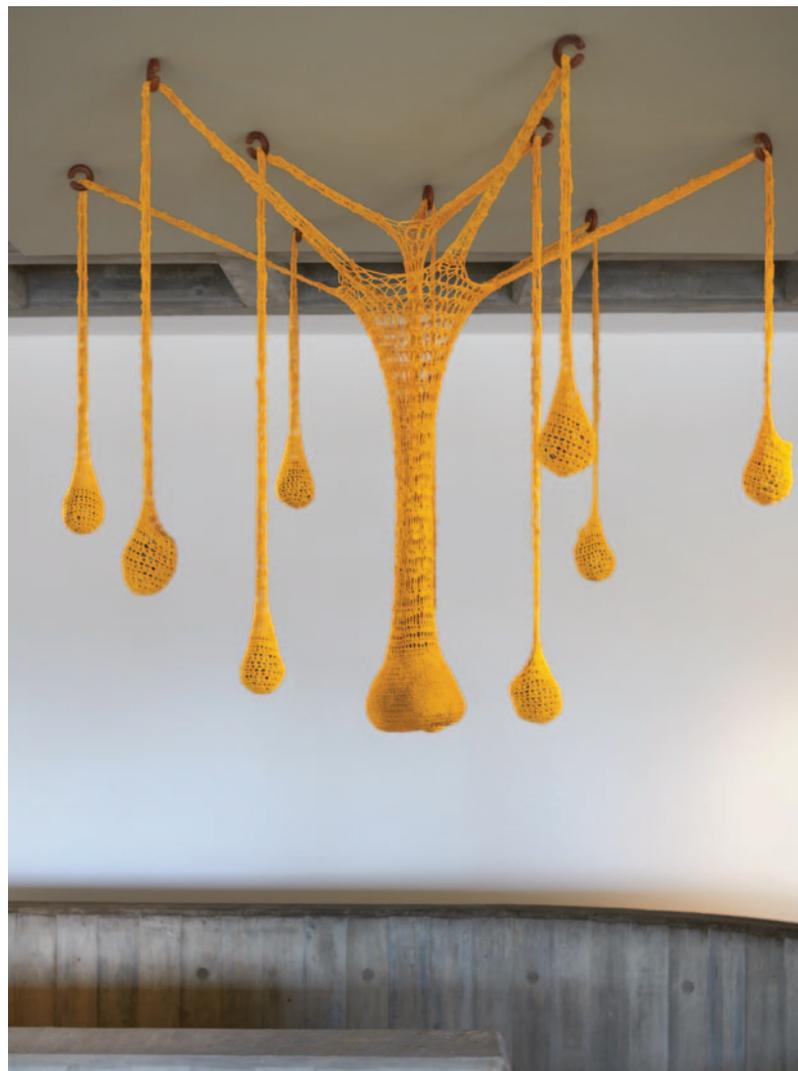


Frans West, *Untitled: Cain Approaching Abel*  
(*Cain se aproximando de Abel*), 2009

ao olhar para arte. Feitas de materiais baratos como papel machê e poliestireno, as obras de West são deliberadamente cruas e absurdas. Em *Cain Approaching Abel* (*Cain se aproximando de Abel*, 2009), ele retrata os irmãos do Antigo Testamento como boxeadores incompetentes. West representa a história do primeiro assassinato na terra como uma espécie de comédia pastelão.

*Iaia Kui Dau Arã Naia*, 2021, de Ernesto Neto, também impressiona. O título da obra usa uma mistura de idiomas afro-brasileiros, indígenas brasileiros e europeus, descrito pelo artista como um canto sobre a poderosa força de cura do espírito da vida que existe em todos os seres ao nosso redor. A obra têm uma dimensão ritual, quase alegórica.

Ruth Asawa, por sua vez, se expressa no desejo de elevar materiais básicos por meio da arte. Em



Ernesto Neto, *Iaia Kui Dau Arã Naia*, 2021  
Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery



Ruth Asawa, *Sem título*

Foto: Jo Underhill. Courtesy the Hayward Gallery

viagem a Toluca, México, a artista viu os aldeões fazendo um *loop* de arame para criar cestas para ovos. E encontrou uma maneira de desenhar em três dimensões, desenvolvendo peças que exibem leveza e transparência nas formas orgânicas inspiradas na natureza. Cada obra, todas sem título, representa

uma etapa diferente da técnica usada pela artista durante sua carreira.

As obras desta exposição, segundo Ralph Rugoff, Diretor da Hayward Gallery, levam os visitantes a uma aventura em um mundo de formas fascinantes .

*“Dinâmicas exuberantes e lúdicas levam o público a uma aventura em um mundo de formas fascinantes. Embora evitem representar diretamente o corpo humano, a maioria dessas obras evidencia uma corporeidade cativante – elas nos lembram que há uma comédia, além de uma política, da forma.”*

Quando as Formas Ganham Vida é uma incrível exploração da experiência física em contraste com o mundo digitalizado de hoje.

Sensação é a palavra chave da exposição.

## SERVIÇO

***When Forms Come Alive***

***Sixty Years of Restless Sculpture***

Até 6 de Maio

Hayward Gallery, Londres

<https://www.southbankcentre.co.uk/whats-on/art-exhibitions/when-forms-come-alive?eventId=967933>